



## Utilizando instrumentos de percussão como ferramenta para a aula de música

**Tiago Oliveira**

[tiago.oliveira@ufrgs.br](mailto:tiago.oliveira@ufrgs.br)  
SMED Porto Alegre – RS

**Resumo:** Este relato tem o objetivo de apresentar um recorte referente às atividades que venho desenvolvendo em um projeto extracurricular em uma escola privada na cidade de Porto Alegre. O ponto central do projeto neste espaço é a utilização de instrumentos de percussão em atividades de composição, improvisação e performance de ritmos tipicamente brasileiros como: baião, xaxado, xote, samba-reggae e maracatu. O intervalo a que o relato se detém é de aproximadamente seis meses, correspondente ao período entre fevereiro a agosto de 2014.

**Palavras-chave:** Música na escola; percussão; projeto extracurricular.

### Introdução

Em 2013, ainda como aluno do curso de Licenciatura em Música, passei por um período de observação, reflexão e estudo sobre metodologias de ensino de música, entre novembro de 2013 e janeiro de 2014 comecei a delinear uma estratégia de trabalho na qual os instrumentos de percussão teriam papel predominante mas não exclusivo, na prática dos alunos em sala de aula, em uma escola privada de Porto Alegre. As atividades propostas procuraram transitar entre a exploração sonora, a improvisação, a composição e a performance, além de trabalhos de escrita/leitura e apreciação/percepção musical, que mantiveram a relação com as sonoridades exploradas em aula, ou seja, com uma predominância dos instrumentos de percussão.

A Escola de Arte (EA) surgiu em 2012 e segundo a direção tem o objetivo de oferecer “um espaço para a formação cultural e intelectual dos alunos do Colégio Alpha<sup>1</sup>. É um conceito novo de ensino, alinhado aos objetivos pedagógicos do Colégio, que possibilita o desenvolvimento de novas habilidades e contato com novos valores.” Os alunos geralmente são atendidos no contraturno escolar ou em sua maioria após o término das aulas do turno da tarde. Apesar da sede da EA ser dentro do Colégio Alpha,

---

<sup>1</sup> Colégio Alpha é um nome fictício criado para preservar a identidade do espaço onde são realizadas as oficinas.



é um local independente do último, demonstrando o quanto “a paisagem escolar mudou” e caracterizando-a como uma das novas “dimensões para além do espaço escolar”. (Souza, 1997 e 2001).

A direção da EA me solicitou o desenvolvimento de aulas de teoria musical, com turmas formadas por alunos em diferentes níveis de aprendizado em relação à música e quanto à sua seriação no ensino regular. Após conversar com as turmas e realizar uma breve avaliação diagnóstica sugeri a direção da EA que abordássemos o assunto mais como uma oficina de musicalização do que como uma aula de teoria musical em seu sentido mais estrito. A sugestão foi atendida e começamos a desenvolver o trabalho seguindo uma estrutura semelhante ao que eu vinha utilizando em um projeto social e em uma escola particular no ensino regular.

O principal objetivo deste relato é discutir de que forma os alunos de uma das turmas de musicalização responderam frente às atividades propostas utilizando instrumentos de percussão, e a partir destas impressões, constituir um banco de atividades que contemple uma prática construtiva e criativa em sala de aula, não se limitando apenas ao uso de instrumentos de percussão, mas articulando-os com outras atividades junto a outros tipos instrumentos (harmônicos e melódicos) em sala de aula.

## **Metodologia**

A metodologia escolhida para coletar as impressões em sala de aula foi a da observação participante, onde encontrei a possibilidade de participar dos eventos que estão sendo verificados. Este formato de coleta acaba se tornando uma opção bastante viável, pois a necessidade de modificar a prática da turma é intrínseca ao processo de ensino/aprendizagem e ao papel a ser desempenhado pelo professor.

Conforme Gil (1999) a observação participante se dá quando “[...] o observador assume, pelo menos até certo ponto, o papel de um membro do grupo [...]” e a possibilidade de estar interagindo com os alunos nas atividades, acaba me colocando em uma posição onde acabo compartilhando da construção do conhecimento do grupo “...a partir do interior dele mesmo.” (GIL, 1999, p. 113).



Escolhi uma entre as três turmas da EA, considerando que nesta turma os alunos em sua maioria já estavam estudando algum instrumento musical a mais de um ano, além do estudo de música dentro do currículo escolar por três anos. Esta turma realiza suas aulas nas terças-feiras, totalizando 24 aulas durante o período de coleta, e foi escolhida por já ter experiência prévia em música e também por demonstrar melhor capacidade de trabalhar em grupo desde os primeiros encontros.

### **Atividades**

As atividades realizadas procuraram oportunizar a experimentação sonora em sala de aula, de forma que a construção de conceitos sempre tivesse como ponto de partida a prática musical, que foi dividida da seguinte forma: improvisação, composição e performance. Práticas complementares de escrita/leitura musical e apreciação/percepção, também foram realizadas. Os materiais utilizados foram tambores diversos afinados em diferentes alturas, triângulos, ganzás, maracas, claves, agogôs, reco-recos e castanholas. Por meio deste espectro de atividades podemos verificar diversos “indicadores da compreensão musical” estabelecendo-os como “processos fundamentais da música enquanto fenômeno e experiência”. (FRANÇA, 2002, pp.7-8).

#### *Improvisação*

Na prática de improvisação, procurei sempre estabelecer um determinado grupo de instrumentos que os alunos utilizariam em suas performances, que podiam ser: individuais, em dupla com o professor ou em grupos de até três alunos.

#### *Composição*

A similaridade entre as atividades de composição e improvisação está no uso de determinados grupos de instrumentos, os trabalhos de composição foram realizados em sua maioria de forma coletiva, sendo que no decorrer dos trabalhos o grupo começou a criar formas de notação para suas músicas.



### *Performance*

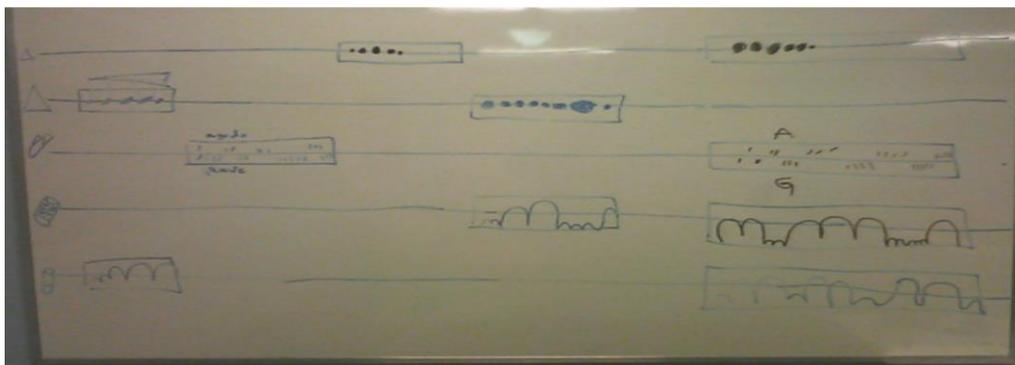
Vamos determinar performance como a prática realizada com ritmos brasileiros, tendo em vista que nas atividades de improvisação e composição a performance ocorre sempre. Esta prática com ritmos brasileiros se deu sempre após a apreciação dos mesmos em áudio ou vídeo. Os ritmos que os alunos conseguiram executar de forma mais adequada foram: baião, xote e samba-reggae. O xaxado por conta do andamento e o maracatu pela sua complexidade rítmica não foram assimilados com muita naturalidade.

### **Resultados**

Observando esta turma semanalmente durante seis meses foi possível perceber que gradativamente as atividades improvisação e composição passaram a ser realizadas com bastante autonomia, cabendo a mim apenas sugestões de organização quanto ao tamanho dos grupos.

Altura, duração, intensidade e timbre, saíram da posição de conceito e passaram ser vivenciados pelos alunos em sua prática musical como realmente elementos fundamentais da música. A prática de performance sempre foi a mais difícil para a turma devido a complexidade de alguns ritmos estudados, mas procuraram realizar as atividades e enfrentar suas dificuldades.

Em nossos últimos encontros já foi possível realizar composições coletivas misturando elementos de notação tradicional e notação analógica para até seis instrumentos.





## Considerações finais

A construção de conceitos a partir da atividade prática superou minhas expectativas em vários aspectos, e acaba por demonstrar algumas potencialidades no uso dos instrumentos de percussão em atividades de musicalização. Os instrumentos nem sempre foram utilizados da forma como os alunos poderiam supor, já que chegaram a ser utilizados tambores com afinações distintas para improvisações melódicas ou instrumentos de altura indefinida apenas para obtenção de determinados efeitos dentro das composições desenvolvidas.

Em suas aulas no ensino regular eles comentavam que: “a gente usava tambores, como tambores não é professor!” , “a gente quase nunca tocava em grupo” ou “a gente só decorava as músicas na flauta”. De forma geral o trabalho desenvolvido causou uma integração bastante grande entre os alunos, além de tornar o fazer musical algo prazeroso e divertido em sala de aula.

## Referências

FRANÇA, Cecília Cavalieri. Composição, apreciação e performance na educação musical: teoria, pesquisa e prática. *Em pauta*, Porto Alegre: UFRGS, v13, n 21, 2002. pp. 5-41.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas, 1999.

SOUZA, Jusamara. Múltiplos espaços e novas demandas profissionais: reconfigurando o campo da Educação Musical. X Encontro Anual da Associação Brasileira de Educação Musical. *Anais...* Uberlândia, p. 85-92. 2002

\_\_\_\_\_. *Da formação do profissional em música nos cursos de licenciatura*. Seminário sobre o Ensino Superior de Artes e Design. Salvador, 1997.